

# Moreira Campos: conto delirante



Moreira Campos deixou as salas de aula como professor há quatro anos; durante a entrevista, parecia estar matando as saudades.

**A** leitura é uma necessidade de se sentir povoado. A sugestão das palavras incita e, às vezes, insulta. O poder de sugestão é uma virtude dos escritores. José Maria Moreira Campos é um velho provocador, com seu dom de criar contos. Escreve sobre amores, infidelidade, solidão ou morte - com uma simpatia especial pela pobreza. Não como um visionário. Apenas recriando a realidade artisticamente. Poucos sabem fazer igual e tão bem.

O nome Moreira Campos corre o Brasil e o mundo - algumas das obras já traduzidas em vários idiomas. Da publicação de "Vidas Marginais", em 1949, seu primeiro livro, até a expectativa de lançamento do 12º, "A Gota Delirante", são quase 190 contos já escritos. Não esquecendo as colaborações em jornais e revistas. "Não é brincadeira tirar da cabeça 190 histórias."

O tempo cuidou de exaurir-lhe a força física, mas a capacidade mental renovou-se ininterruptamente. Hoje, o velho Moreira de 79 anos - completados em 06 de janeiro último - tem uma aparência bastante acabada. A lucidez resiste impressionante. Relata detalhes de sua vida facilmente, tanto como cita trechos inteiros de livros seus ou de outros autores. Uma conversa fascinante.

A entrevista de quase duas horas com os estudantes de Comunicação Social só acaba depois de ele próprio admitir um certo cansaço. Cercado por aprendizes, o Mestre das letras mostra como foi sua vida. Fala de sua terra natal, Senador Pompeu, e da infância meio nômade pelo interior nordestino. Tudo porque o pai era um português "curiosíssimo" que abria

estradas para o Governo Federal.

Nessas idas e vindas, acaba conhecendo boa parte do Nordeste e sua gente. Chega a lembrar-se de quando, ainda menino, vê toda a cidade de Lavras da Mangabeira armada até os dentes. Os moradores temiam pela passagem de Virgulino Ferreira, o "Lampião". O maior cangaceiro de todos os tempos havia sido convidado pelo Padre Cícero para ir até Juazeiro, onde receberia a patente de capitão. "Ele passou pelas vizinhanças da cidade", conta Moreira, satisfeito por ter participado daquele momento histórico.

Alguns anos mais tarde, já adolescente, o escritor e a família mudam-se para Fortaleza. Era 1930 e a Revolução Getulista agitava a capital cearense. O ano seguinte marca pela morte dos pais. Moreira Campos busca no trabalho e nos estudos um consolo. Na mesma repartição onde trabalha, têm a sorte de conhecer "Dona" Zezé, com quem está casado há 54 anos. "Um dia, fiz um soneto que a tratava por querida. Aí nós nos casamos."

Moreira conta muito mais: revela que conheceu o governador Ciro Gomes com 19 anos, quando este venceu um concurso de monografias na UFC; descontrai-se, pedindo cafezinho e fumando alguns cigarros; nem se abala quando quase lhe banham com um copo de água e emociona os presentes com sua visão lúcida da morte.

- Acho que não demoro muito, não. Eu já tô com 78 anos.

- Mas quer demorar?

- É bom, né? Viver é bom. Dostoiévski dizia: "Viver, viver, viver. Nem que seja em cima de uma pedra em alto mar. Mas viver".

Entrevista com o escritor José Maria Moreira Campos, dia 05/11/92.

Produção: Márcio Régis e Cláudio Ribeiro.

Edição e texto final: Cláudio Ribeiro.

Participação: Clariane Rebouças, Lilliana Couto, Demitri Túlio, Júlio César, José Rocha, Francisco Roberto, Márcio Régis, Cláudio Ribeiro, Silvia Carla, Oceli Lopes e Eduardo Freire.

Foto: Jarbas Oliveira.

**Laboratório de Jornalismo (LJ) - Professor, num poema seu, "Tempos Novos", o senhor diz que o casamento é uma instituição morta.**

**Moreira Campos (MC) - E eu digo isso?**

**LJ - O senhor se arrepende de ter casado?**

**MC - Não, não. Eu sou o sujeito mais bem casado do Ceará. Vou agora com minha mulher comemorar 55 anos de casado. Mas não me baseei em mim, propriamente, pra dizer isso. Eu me baseei no que vejo e no que sinto. A cada momento, a cada instante, o cidadão tá casando e já pensa em desquitar; demora um mês, dois... E separa. Isso é o que me angustia. Então, entendo que é uma instituição morta sob esses aspectos, compreendeu? Mas quanto à minha experiência pessoal, não. Foi a mais válida possível. Tenho três filhos, 11 netos e seis bisnetos. Portanto, fui um vitorioso no casamento. Eu me casei em 37, com 23 anos.**

**"Eu sempre fui metido a poeta, né? E nada para encantar mais as mulheres, pelo menos no passado, do que uma poesia"**

**LJ - E como é que foi essa conquista da dona Zezé?**

**MC - Foi uma conquista muito interessante. Eu sempre fui metido a poeta, né? E nada para encantar mais as mulheres, pelo menos no passado, do que uma poesia. Nós trabalhávamos na mesma repartição - na Secretaria do Interior e da Justiça. Um dia, fiz um soneto em que a tratava por querida. Ela quase caiu num escorregão. Aí nós nos casamos.**

**LJ - O senhor falou agora que, naquele tempo, as mulheres eram conquistadas por poesia. Hoje elas não são mais?**

**MC - Não, também podem. Por um bom poema, um bom soneto. Porque a mulher é emocional. É verdade que a mulher, hoje, é uma competidora do homem em todos os sentidos. Elas, de certo modo, até nos esmagam. Antigamente, se cantava o pé de uma mulher de maneira admirável. O frei Antônio Gonçalves tem um soneto descrevendo o pé de uma mulher que termina assim: "Monumento de cristal, surto de neve, instante de jasmim,**

**conceito breve". Isso era o pé de uma mulher. Qual é a mulher que tem esse pé hoje? É um pé esmagador, concorrente, terrivelmente concorrente. E é uma vitória. A vitória da mulher veio da sua própria emancipação econômica. Porque todas hoje exercem um emprego. Então, elas não ficam mais subordinadas ao homem. Eu tomo o exemplo do meu pai. Ele sustentava uma família de 15 pessoas só ele trabalhando. Além de parentes que iam lá para minha casa. Então, um homem desse só podia ter um poder formidável. Hoje é diferente. Hoje o pai respeita a filha. Se ela chega às 11 horas, ele não vai com grito, não. "E a minha filhinha, por que chegou tão tarde? Da igreja?" Mas grito, não. Não é isso? Não é verdade? A mulher teve dois elementos de libertação formidáveis: o trabalho e a pílula.**

**LJ - Fora a dona Zezé, quantas mulheres o senhor conquistou através da poesia?**

**MC - Eu conquistei poucas. Nunca fui um homem de muita conquista, não. Sou franzino, não sou atlético. (Risos).**

**LJ - A dona Zezé tinha quantos anos?**

**MC - Tinha a minha idade.**

**LJ - Como é, hoje, o dia-a-dia de vocês?**

**MC - É um dia-a-dia comum de um casal pequeno burguês. Vemos televisão. Eu leio muito, ela também. Ocupo meu tempo ora lendo, ora escrevendo meus contos. Ela borda admiravelmente. Pinta também. Hoje já não pinta tanto porque não tem o domínio dos dedos para a pintura. Mas é uma mulher preparada, de valor, de uma educação muito fina. Isso influenciou também, né? Porque fui meio bárbaro de início. Mas ela foi polindo. De modo que hoje sou um homem polido, sem ser dominado.**

**LJ - Conte um pouco da sua história, sua infância.**

**MC - Meu pai foi um português extraordinário, curiosíssimo. Ele veio ao Brasil para abrir estradas. Não foi para abrir padarias, não foi para ser comerciante, pelo menos de início. Abriu muitas estradas no Ceará, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Então, a família era meio nômade. Ora nós estávamos num lugar, ora noutro. De modo que conheço, por exemplo, Sousa, Cajazeiras, Acauã - terra de (Ariano) Suassuna, na Paraíba - e Mossoró, por ter estado lá com a família. Foi ele (seu pai), ao lado de Plínio Pompeu, que construiu a Ponte do Piranha, na Paraíba. Então levei, na minha infância, essa vida meio nômade. E foi admirável porque conheci uma parcela do Nordeste. O homem do Nordeste que eu tenho**

**dentro de mim, guardo comigo e ponho nos meus contos, pela larga experiência que tive. Meu pai depois deixou a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, hoje DNOCS, e estabeleceu-se como comerciante forte**

**Levei, na minha infância, essa vida meio nômade. E foi admirável porque conheci uma parcela do Nordeste"**

**do sertão de Lavras da Mangabeira, onde passei o resto da minha infância. Só cheguei a Fortaleza em 1930. Tem até um poema meu sobre Fortaleza, em que eu digo assim: "Cheguei aqui em 30. Fortaleza era então provinciana. Era menina. Cadeira nas calçadas e a tristeza de lampiões a gás em cada esquina". Era a Fortaleza que eu conheci. A Fortaleza que surpreendi quando tinha apenas 16 anos.**

**LJ - O senhor chegou a conhecer, nas suas andanças pelo interior, o cangaço também, né?**

**MC - Ah, conheci muito, muitos cangaceiros. Eu estava em Lavras da Mangabeira, com meus pais e irmãos, quando Lampião passou pelas vizinhanças, chamado pelo Padre Cícero. Todo mundo se armou com medo de um ataque, porque Lavras foi uma cidade sempre muito valente, que se defendia sempre dos ataques. Era todo mundo armado de rifle papo-amarelo. Lampião foi a Juazeiro receber a patente de capitão. Vocês sabem disso? Veio combater a Coluna Prestes, mas não combateu coisíssima nenhuma. Conheci muito cangaceiro na Paraíba, sobretudo em Acauã - que era um caminho quase que obrigatório deles.**

**LJ - Mas, de certo modo, não fazia seu gênero essa violência. Foi uma coisa mais por convivência, né?**

**MC - Eu nasci em dois momentos altamente belicosos. Em 1914, quando arrebentou a Primeira Guerra Mundial e a Sedição do Padre Cícero em Juazeiro, que derrubou Franco Rabelo comandado por Floro Bartolomeu. Nasci num momento histórico altamente belicoso. No entanto sou um homem pacato, calmo, sereno, incapaz de agredir qualquer pessoa.**



**A conquista de Dona Zezé: "Um dia, fiz um soneto em que a tratava por querida. Quase caiu num escorregão. Aí nós nos casamos".**

**O primeiro emprego de Moreira Campos em Fortaleza foi numa casa de jogos, como caixa. O dono era pai do humorista Chico Anysio.**

**Sua carreira na Universidade foi das mais completas. Só não chegou a ser Reitor, apesar da indicação numa das listas sêxtuplas.**



Um "grande revolucionário" já pediu refúgio em sua casa. Não revelou o nome. Não ficou em sua casa e foi pego dois dias depois.

Formou-se em Direito em 1946, já casado. Para seguir carreira no magistério, fez novo Vestibular e formou-se em Líguas Neolatinas.

O sentimento de perda está muito presente em seus contos. Após a entrevista, confessou que o tema já lhe angustiou muitas vezes.

**LJ** - Quando o senhor chegou aqui em 30, ficou com quem?

**MC** - Eu cheguei aqui com meus pais.

"Eu nasci em dois momentos altamente belicosos. Em 1914, quando arrebentou a 1ª Guerra Mundial e a Sedição de Padre Cícero"

Nós nos hospedamos durante muito tempo na casa de Jáder de Carvalho, que é meu primo. A mãe dele é irmã da minha mãe. Depois tivemos nossa própria casa. Cheguei aqui em 30, perdi meu pai em 31 e minha mãe no mesmo ano. Fiquei órfão, moço e pobre. Tive que me afirmar.

**LJ** - Como foi essa luta?

**MC** - Terrível, sem pai... O primeiro emprego foi numa casa de jogo chamada "Cicleball". O dono dessa firma era o pai do Chico Anysio. As meninas de calçãozinho, até bonitinhas, andavam nas bicicletas e jogavam bolas num orifício, marcando ponto.

**LJ** - Qual era a sua função?

**MC** - Eu era o caixa.

**LJ** - Nessa época, o senhor continuava estudando?

**MC** - Lutando terrivelmente. Estudava à noite. Fui aluno do Liceu, do Colégio São João. Fazendo aos pedaços. Não fiz o ensino secundário, básico, num só colégio. Mas lia, lia muito. A minha grande salvação na vida foi eu saber escrever, saber expressar minhas idéias. É esse o conselho que dou a vocês: leiam e escrevam. Mesmo que vocês não publiquem, isso não quer dizer nada. Escrever é um exercício. Vocês conhecem minha "Porta de Academia", nos jornais? Aquilo é escrito em dois minutos.

**LJ** - É um dom.

**MC** - É um dom aprimorado. O homem tem muitos valores. Se ele começar a explorar esses valores, vai e se afirma. Agora, a literatura é um dom, como é a pintura, como é a música, como é a escultura. Nasce com o indivíduo. Isso nasceu comigo, mas eu aprimorei através da leitura dos grandes autores. Sou um homem

que conheço autores não só do Brasil, como do estrangeiro, porque sempre fui um apaixonado pela leitura, um apaixonado por escrever. Não é brincadeira. Eu tenho cerca de 190 contos já escritos. Não digo publicados, porque falta meu último livro, "A Gota Delirante", que está em São Paulo, com a (editora) Siciliano, para publicação. E aí são 33 contos. Não é brincadeira você tirar da cabeça 190 histórias. Cansa qualquer cristão, exaure. E sobretudo porque eu sou um sujeito profundamente realista. Não sou nenhum visionário, fantasista. Toda história minha tem um fundo de verdade. Agora, em cima dessa verdade, recrio artisticamente.

**LJ** - O senhor falou mais ou menos sobre inspiração. Fale mais sobre sua maneira de se inspirar e começar

"Eu tenho cerca de 190 contos já escritos. Não é brincadeira você tirar da sua cabeça 190 histórias. Cansa qualquer cristão"

a fazer um conto. Onde é que vai buscar expressões tão pequenas, mas que representam tantas coisas? Por exemplo, na expressão "pasta e pressa", no conto "À Sepultura"?

**MC** - A frase é a seguinte: "E o passageiro de pasta e pressa pegou o condutor... Não adianta erguer o punho, porra..." Foi uma aliteração explosiva - pê e pê e pê. Saiu sem eu querer.

**LJ** - Como é que vem essa inspiração?

**MC** - Aí é impossível de dizer. É o ato de criação. Não tenho o domínio disso. É o pintor que passa o traço e coisa e tal.

**LJ** - O senhor tem um caderninho para anotar essas idéias?

**MC** - Não. Eu observo muito. Converso comigo mesmo esse problema. Quando quero criar uma coisa bem segura, digo "não" à frase ou diálogo que me preocupa. Nós temos duas línguas: a erudita e a falada pelo povo. Você diz "dê-me este copo"; isto é uma língua erudita. O povo não diz isso. O povo diz "me dê esse copo". Um dia, eu conversando com um grande filólogo aqui do Ceará, Mar-

tins de Aguiar, disse: "Martins, sabe por que vocês gramáticos não escre-

"Digo aos filólogos: vocês sabem essas besteiras todas e não sabem escrever. Agora, eu sei, mas sei escrever"

vem? Porque vocês não conhecem a linguagem do povo. Se eu estiver escrevendo um conto: entro na Leão do Sul - não sei se vocês conhecem, onde vende caldo de cana -, aí digo "Me dê um caldo de cana gelado", não é? Vocês (filólogos) não dizem isso. Dizem "dê-me". É uma mentira. E outra coisa: não pode ser gelado porque caldo não pode ser gelado; todo caldo é quente (Risos). A própria raiz já está dizendo. Digo aos filólogos: "Vocês sabem essas besteiras todas e não sabem escrever. Agora, eu sei, mas sei escrever. Porque me valho de linguagem do povo, sobretudo no diálogo. No escrever direto, é com muito cuidado. É um português muito rigoroso.

**LJ** - Professor, o primeiro escritor que o senhor teve contato foi o Jáder de Carvalho. A partir daí que passou a se interessar pela literatura?

**MC** - Não. Eu já havia me interessado desde pequeno. Eu, toda vida, fui seduzido por história escrita ou falada. Deixava de brincar para ir ouvir um velho que contava história. Ficava ouvindo embevecido. Ele morava numa casa pobre, num corredor, e lá no fundo um paiol de milho, onde os ratos se escondiam. Isso era no interior. O padre Pita, numa ocasião em que passou na calçada da casa de meu pai - eu deitado, lendo -, disse: "Campos, é admirável esse seu menino. Como ele é estudioso". Coitado. Eu não tava estudando nada. Tava era lendo (Risos).

**LJ** - O senhor gosta de contar histórias para seus netos?

**MC** - Não. Eles, às vezes, me pedem. "Vô, conta aí uma história". Mas não conto. Gosto mesmo é de escrever.

**LJ** - O senhor falou pouco de sua mãe.

**MC** - A minha mãe era a mulher mais terna do mundo, encantadora. Sofreu muito. Basta que eu diga a vocês que ela morreu com 38 anos de idade. Era uma menina moça, né?

**LJ** - Ela escrevia sonetos religiosos, não era?

**MC** - Era. A tendência dela era religiosa, diferente da minha. Não tenho religião nenhuma. Acredito num Deus que não possa explicar. É um ente supremo, máximo, do qual eu não chego nem ninguém jamais chegará. Agora, não sou da prática do ritual. Pra ter uma idéia de Deus, basta eu pensar no infinito.

**LJ** - O senhor casou na Igreja e tudo?

**MC** - Casei, batizei... tudinho. Mas não tenho religião. Não sou homem de culto, não tenho ritual.

**LJ** - Mas tem fé?

**MC** - Não, relativa. Olhe, eu defino Deus com um verso de Mário Quintana: "Entre as invenções e as mágicas de Deus, o que há de mais extraordinário é a existência dos ateus". Compreendeu? Como é que o sujeito pode ser ateu, diante de uma grandeza que não explica? Só o equilíbrio do

**"No instante em que um homem e uma mulher fazem um filho, o que foi que nasceu? A vida. E o que nasceu ao mesmo tempo? A morte"**

cosmo é uma coisa fantástica. Vocês já pensaram na reprodução? Um homem se liga à mulher e faz um ser com nariz, boca, dente... Dente, não. Vai nascer depois (Risos). Pensem no infinito. Que vocês voarão centenas de milhares de milhares de anos e nunca chegarão ao fim. Pensem na nossa Terra girando e nós aqui, tudo direitinho. Sem estar de cabeça pra baixo e estando. Isso é fantástico! Não há quem explique Deus. Ele é uma grandeza tão enorme que o ser humano torna-se finito. É esta a minha religião. Estar me confessando, indo à missa, beijando mão de padre, isso eu não faço. Não é do meu jeito. Tenho um respeito formidável pelas igrejas e pelos morcegos das igrejas. Aquilo, pra mim, é um mistério.

**LJ** - O que é morte para o senhor? Sempre é trabalhada a morte, nos seus contos...

**MC** - A morte é o fim da vida. É um processo dialético. Tudo na vida é dialético. Tudo, tudo, tudo. Todos os

instantes da vida. No instante em que um homem e uma mulher fazem um filho, no instante em que se dá a fecundação, o que foi que nasceu? A vida. E o que nasceu ao mesmo tempo? A morte. Porque onde está a vida está a morte. É a contradição, o processo dialético.

**LJ** - O senhor tem medo da morte?

**MC** - Relativo. Não é muito grande, não. Eu tenho medo é de adoecer. Como hoje, no Banco do Brasil, eu senti uma tontura. Não tem um cafezinho aqui, não? É porque eu quero fumar. Eu sou velho, mas sou velho degenerado (Risos).

**LJ** - O senhor ainda fuma quantos cigarros?

**MC** - Eu fumo cinco cigarros (durante a entrevista de quase duas horas, fumou três cigarros e bebeu dois cafezinhos).

**LJ** - Como está a saúde aos 78 anos?

**MC** - Muito boa. Eu sou forte. Sou forte porque não como. Só como para viver; não vivo pra comer (Risos).

**LJ** - Então o senhor acredita numa vida após a morte?

**MC** - Não me meta nesse cipóal. O que há é uma transformação. Você jamais desaparecerá da Terra. Você terá novas formas, porque a vida é uma permanente corrente. Tenho um poema em que digo "a gota caiu na terra e fecundou a semente. A semente fez caule, do caule nasceu o galho, do galho nasceu a flor e da flor nasceu o fruto. O homem comeu o fruto. O fruto é carne do homem. O homem morreu, foi pra terra. A gota caiu na terra e tudo recomeçou". Pronto. Você não sai disso. Você, hoje, é uma personalidade... Como é seu nome?

**LJ** - Oceli.

**MC** - Oceli, você é o Oceli. Inconfundível. Tem uma frase sobre Deus que eu acho admirável. "Cada ser é uma palavra de Deus que jamais se reproduz." Mas você, quando morrer bem velho, com uns 120 anos, mais ou menos, vai ser uma flor. Vai ser uma árvore ou até um batráquio, não interessa. Você vai ser qualquer coisa, mas da Terra não desaparecerá jamais.

**LJ** - O senhor acredita no ciclo da vida, não na reencarnação?

**MC** - Que reencarnação!

**LJ** - O senhor também já presumiu uma idade para sua morte?

**MC** - Acho que não demoro muito, não. Eu já tô com 78 anos.

**LJ** - Mas quer demorar?

**MC** - É bom, né? Viver é bom. Dostoiévski dizia: "Viver, viver, viver.

Nem que seja em cima de uma pedra em alto mar. Mas viver". Pra você ver como a vida é fundamental. Ninguém aqui quer morrer. Para cada um de nós, ela é fundamental. Em Dostoiévski, sobrava razão para isso. Ele

**"Dostoiévski dizia:**

**'Viver, viver, viver.**

**Nem que seja em cima de uma pedra em alto**

**mar. Mas viver...'**

**Ninguém aqui quer morrer"**

foi condenado à morte pelo czar - ele e os companheiros dele - pelas idéias políticas. Suspenderam a pena. Não foram fuzilados, mas um dos companheiros enlouqueceu, depois que lhe tiraram a venda. Foram condenados ao mundo congelado da Sibéria, onde ele passou não sei quantos anos como preso e do qual apareceu, graças a Deus, um grande livro - "Recordações da Casa dos Mortos". Pra você ver o que é o gênio.

**LJ** - E a política pro senhor?

**MC** - A minha política tem um P maiúsculo. Você quer falar do momento atual? O presidente afastado não tem mais condições morais de voltar ao país. É possível, mais, Collor mandar no Brasil? Ele não tem condições. O povo o repeliu. Não quero saber se foi levado por político, por PC, com licença da palavra. PC, para mim, é um QI dos mais altos do mundo. Agora, pra ruindade. Este homem enrolou o Brasil todo. Até fantasmas ele trouxe (risos). Enrolou ministro, secretário, empresário, político, bancário... Agora, você calcule um QI desse voltado para o bem. Mas não foi. Foi para o engano, a safadeza.

**LJ** - E a política local?

**MC** - Sou um grande admirador do Ciro Gomes e do Tasso Jereissati. Acho que o Juraci Magalhães fez uma grande obra no município. Merece todo o nosso respeito, toda nossa admiração. Fortaleza é outra, pela sua beleza.

**LJ** - E o Cambraia?

**MC** - Espero que ele siga os passos, que só podem ser benéficos, né? Sem ofuscar a grandeza de Juraci. Mas a obra foi iniciada por Ciro Gomes, quando prefeito. Depois ele deixou, para candidatar-se a governador - pa-



**Um fusquinha modelo 67 foi seu companheiro de trânsito por vários anos. Hoje, possui um modelo 80. Saiu e voltou para casa de táxi.**

**Os alunos tiveram que repetir muitas das perguntas. O escritor disse que tem um aparelho para surdez, mas não usa. "Vou usar".**

**Coordenando o Ciclo Básico, ordenou que Ciro Gomes, então com 19 anos, se inscrevesse atrasado num concurso de monografia. Ganhou.**



Em clima de impeachment e caras-pintadas, saudou a mocidade antes da entrevista. "Vocês são a renovação. Merecem meu respeito."

Quando lhe faziam perguntas, citando trechos ou nomes de alguns de seus contos, parecia maravilhado. Como se quisesse agradecer.

Suas obras foram traduzidas para vários idiomas: inglês, italiano, francês, espanhol, alemão (duas vezes), japonês e hebraico.

ra mim, é um grande governador. É um moço como vocês, jovem, de uma capacidade fora do comum, inteli-

"Li a monografia dele. Como é seu nome? Ele disse: **Ciro Gomes... Ele tirou o 1º lugar. Foi meu primeiro contato com **Ciro Gomes****"

gentíssimo. Por isso, merece o meu respeito. E vou contar um fato a vocês muito curioso, que se passou entre mim e ele. Eu implantei o Ciclo Básico em Fortaleza. Já ouviram falar? O primeiro coordenador fui eu, nomeado pelo Walter Cantídio, que era reitor e com quem concorri na lista sêxtupla. Um dia, fizemos um concurso de monografia. Não me lembro mais do assunto. Cada uma tinha que ter não sei quantas páginas, datilografadas em espaço dois. Quando entra no meu gabinete aquele moço de 19 anos. "Professor, hoje é o último dia de inscrição pro concurso e a secretária não quer aceitar meu trabalho porque não está datilografado". Mandei chamar a secretária. Li a monografia dele, não toda. E eu disse: "Como é seu nome?" E ele disse "Ciro Gomes". Foi aí que o conheci. "Doris, eu sou o coordenador. Este moço me trouxe o trabalho dele, mas não está datilografado. Tenho certeza que dará o número de páginas que procuramos. Então, você o inscreverá por minha ordem e responsabilidade." Ele tirou o primeiro lugar. Foi meu primeiro contato com **Ciro Gomes**.

*LJ - Professor, há boatos na Universidade de que, na época da ditadura, o senhor escondeu alguns professores, quando a polícia vinha pegar informações sobre eles.*

*MC - Não, nunca aconteceu isso. Vontade de guardá-los, eu teria. Se eles tivessem me procurado, eu talvez até tivesse me sacrificado. Porque não sei como é que se denuncia um idealista. Nunca compreendi uma coisa desta. Um idealista pode até estar errado. Nunca dei guarida, nunca me pediram. Pra mim era uma situação difícil. Porque, eu professor, se ele fosse pegado na minha casa? Conseqüentemente, eu tava lascado, né? A expressão é essa. Fui procura-*

do, um dia, por um grande revolucionário para refugiar-se na minha casa.

*LJ - Quem foi?*

*MC - Não digo. Isso aí eu não digo (nesse momento, baixa o tom de sua voz, já repreendendo uma possível insistência de pergunta). Ele veio através de um cunhado dele. Eu disse: "Fulano, pese bem a minha situação. E eu tenho uma admiração muito grande por fulano. Você sabe das minhas idéias, são idéias "prafrentex". Não sou nenhum caduco, mas se ele for pegado na minha casa, eu estou liquidado. E ele não foi pra minha casa. Foi pegado dois dias depois.*

*LJ - O senhor foi filiado a algum partido político, na juventude?*

*MC - Não fui filiado a nenhum partido político até hoje. Eu sempre fui um homem de idéias socialistas.*

"Eu sempre fui um homem de idéias socialistas. Não fui filiado a nenhum partido político até hoje. Os convites não faltaram"

*LJ - Os convites não faltaram?*

*MC - Faltaram não.*

*LJ - O senhor teve uma carreira bem completa dentro da Universidade. Foi aluno, funcionário, professor, administrador, pró-reitor, e ainda foi indicado na lista sêxtupla, não é isso?*

*MC - Eu fui, na Universidade, o que se poderia ser, menos reitor. Fui professor de Literatura Portuguesa durante 30 anos, no curso de Letras. Fui chefe de departamento três vezes. Quem instalou o Departamento de Literatura fui eu - fui o primeiro chefe. Hoje é o Teoberto Landim. Fui pró-reitor durante seis anos: dois anos, pró-reitor do Cantídio; e quatro, do Pedro Teixeira Barros. Constei da lista sêxtupla quando foi escolhido reitor o Walter Cantídio. Mas, pra escolha de reitor, entra muito de política. É muito difícil ser só o mérito. Mérito, eles têm, mas a política entra.*

*LJ - O que o senhor achou desse processo de indicação do atual reitor Antônio Albuquerque?*

*MC - Eu admiro o atual reitor. Não votei nele, votei no Raimundo Holan-*

da. Mas é um amigo meu desde a Agronomia e o acho um rapaz muito

"Não votei no atual Reitor... Ouviram todo mundo, para depois escolherem no Conselho? Isso é eleição do tempo do Padre Cícero"

seguro. Agora, condeno o processo. Então, pra que ouviram professor, aluno e corpo administrativo? Pra depois escolherem no Conselho? Então não tivessem feito consulta. Não é evidente? Se você deu o seu voto, se todos nós escolhemos, então depois não tem valor? Que diabo da eleição é essa? Isso é eleição de Juazeiro, no tempo do Padre Cícero. Ele chegava e falava: "Quem é que tá ganhando?" Tava ganhando fulano. "Então desmancha essa urna. Vamos fazer outra."

*LJ - E o que acha desse novo Vestibular?*

*MC - Eu nunca concordei com esse novo vestibular. Acho que poderia ser mais inteligente. E que realmente se aproveitasse. Não o velho decoraba. Gostei muito da prova que criaram de redação. Porque não se enganem: quem sabe redigir, sabe tudo.*

*LJ - Se o senhor tivesse o poder, o que mudaria, hoje, na Universidade?*

*MC - Assim, de impulso, não posso dizer porque estou afastado há muito tempo. Mas eu, como reitor, daria toda minha força a três ramos fundamentais: a graduação, a extensão e a pesquisa. Um país sem pesquisa não é nada, não é coisíssima nenhuma.*

*LJ - E as corujas?*

*MC - Olha aí. Ele me leu, me leu (Risos). Formidável (referia-se ao conto publicado no livro "Dizem Que Os Cães Vêm Coisas", Imprensa Universitária, 1987).*

*LJ - O senhor tem uma coleção de corujas, não é isso?*

*MC - Tenho 40 e tantas.*

*LJ - Por que essa mania?*

*MC - Inventaram isso (risos). Um sujeito disse que eu gostava. Não sei quem foi. Me trouxe (sic) um presente de uma coruja, aí pegou. Quando é*

meu aniversário, quando tem alguma coisa, lá vem... Agora mesmo, eu recebi até da França. Tenho muita coisa estrangeira.

**LJ - Se o senhor descobrisse quem inventou essa história, repreenderia?**

**MC -** Não. Eu não tenho hobby. Não guardo selo, isso ou aquilo. Nem livro... Mania nenhuma. Mas acho coisa boa.

**LJ - O senhor lê, em média, quantos livros por ano?**

**MC -** Ah, nem sei, porque todo dia eu leio. Não paro, minha estante é cheia.

**LJ - Que autores o senhor mais gosta?**

**MC -** Os autores do passado. Pra mim, os dois grandes mestres eternos foram Dostoiévski e Tolstói. Mais Dostoiévski; li toda a obra dele. O que Gide disse um dia - Gide é um escritor francês: "Na Rússia, há uma grande montanha que se chama Tolstói, mas por trás dessa montanha surgiu um grande sol, que se chama Dostoiévski, tal é a grandeza dele". Sou um apaixonado por esses dois, por Eça de Queiroz... No Brasil, por Machado de Assis, Guimarães Rosa.

**"É um desafio porque você sugere sem entrar em detalhes. E eu sofro esse desafio. Não sei porque escrevo contos"**

**LJ - Para o senhor, o que é o conto?**

**MC -** O conto é uma obra sintética. Araripe Júnior definiu o conto assim: "É uma obra monocrônica e sintética. O romance é uma obra sincrônica e analítica". Daniel Rops define do seguinte modo: "O conto é uma obra de sugestão e do implícito". É um desafio porque você sugere sem entrar em detalhes. E eu sofro esse desafio. Não sei por que escrevo contos. Você não pode comparar o conto, no tamanho, com o romance. Agora mesmo, Rachel de Queiroz escreveu um romance de "oitocentas páginas" (482 páginas na verdade - "Memorial de Maria Moura") e eu escrevo um conto de página e meia. O gênero da minha sedução foi o conto. Ainda ontem perdi o sono lutando com um deles. Tinha uma empregada no meu conto que não queria se entregar a um homem e eu tinha que fazê-la se entregar. E lutei a noite todinha com essa empregada (ri-

so). Mentalmente, é claro.

**LJ - No conto do senhor, "O Peregrino"...**

**MC -** Aquele conto tem um erro, mas é um dos contos que mais gosto. Eu botei um velho para possuir uma menina. Um velho setenta e tantos; mais velho do que eu. Ele não fazia mais nada (risos). Como é que ele podia possuir uma menina? É um erro fácil de corrigir porque, em lugar do velho, bastava que fosse o pai. Mas um velho, com mais idade do que eu, possuir uma menina é difícil como diabo.

**LJ - O senhor se considera muito erótico?**

**MC -** Às vezes. Às vezes, eu me sinto profundamente erótico.

**LJ - O senhor ia muito a cabaré, na juventude?**

**MC -** Não, porque não tinha dinheiro. Mas vontade, tinha (risos).

**LJ - O que o senhor acha do homossexualismo?**

**MC -** Eu, toda vida, fui másculo, profundamente másculo. No meu tempo de jovem, conhecer um indivíduo homossexual era raríssimo. Aparecia escondido. Hoje é uma coisa pública até demais. Eu não tolero homem com brinco. É da minha formação, do meu jeito.

**LJ - Como o senhor vê o espaço para publicações?**

**MC -** Terrível. Na literatura, daqui a algum tempo, só existirão dois gêneros: o conto e a poesia. A crônica, muitos críticos, não a aceitam como gênero literário. Agora, por quê? Por causa do mundo dinâmico em que vivemos. Não há tempo para a leitura. Você pega o livro que Rachel de Queiroz acabou de escrever: só lê um sujeito como eu, que sou maníaco por leitura e sou professor. Não posso deixar de ler. Mas cadê tempo? Ao passo que um conto, não. Meus contos não passam de página e meia. Então, o romance vai ficar mais para as Universidades.

**"Daqui a algum tempo, só existirão dois gêneros: o conto e a poesia... Por causa do mundo dinâmico em que vivemos"**

**LJ - O senhor vê algum valor novo na literatura cearense?**

**"Você conhece uma escritora com o pseudônimo de Ibérica? Eu disse: conheço, é minha filha, por quê? Ela tirou o primeiro lugar"**

**MC -** Tem muitos valores. O Ceará sempre foi uma terra muito interessada pela literatura. Nós tivemos o primeiro movimento literário do Ceará em 1813, com Governador Sampaio, com os Oiteiros. Depois seguiu-se a Academia Francesa do Ceará (adeptos de Augusto Comte), Clube Literário, Padaria Espiritual, Centro Literário, Grupo Clã - ao qual eu pertenço, um dos movimentos mais sérios que o Ceará já teve em todos os tempos. Depois vieram os grupos mais moços: Grupo Syn, Siriará, ao qual pertencia Rogaciano Leite Filho, e na área feminina, o Grupo Seara.

**LJ - Sua filha agora tá escrevendo também né? Como é que é a literatura dela?**

**MC -** É completamente diferente da minha. É meio mágica, cheia de magia, bruxos. Eu não, sou meio preso à realidade.

**LJ - Ela lhe pediu conselhos?**

**MC -** Não. Ela preparou os livros dela. Leu um conto pra mim, "A Escada", que gostei muito e foi premiado em São Paulo. Tirou o primeiro lugar. Eu tenho um amigo na Fundação Nestlé. Um dia, o telefone tocou. "Moreira Campos, você conhece uma escritora com o pseudônimo de 'Ibérica'?" Eu disse: "Conheço, é minha filha, por quê?" "Ela tirou o primeiro lugar".

**LJ - Paulo Mendes Campos uma vez disse: "A literatura é, em mim, uma divindade necessária". E para o senhor, o que é?**

**MC -** A mesma coisa. Machado de Assis dizia: "O homem mais feliz do mundo é aquele que escreve um bom conto". Quando escrevo um conto que me enche as medidas, eu sou o homem mais feliz do mundo. Sou capaz de dar dinheiro, sou capaz de tudo. Mas não escrevendo como eu quero, fico numa contrariedade, numa tristeza que você nem imagina.



**É membro da Academia Cearense de Letras. Ainda não criou um romance. Poemas, uma única vez ("Momentos"). "O conto é sintético."**

**Já declarou em entrevista que amar é seu verbo predileto, em todos os tempos e flexões. "Paixão é sinônimo de febre intermitente."**

**É pai de Natércia, Marisa e Cid e avô de 11 netos "lindíssimos". Faz de sua rotina, atualmente, o seu prazer: lê e escreve muito.**



*LJ - O senhor acha que a literatura brasileira já deveria ter ganhado um Nobel?*

*MC - Se não houvesse tanta política, já deveria ter ganhado.*

*LJ - Quem deveria ter ganhado?*

*MC - Jorge Amado. Primeiro porque é um nome traduzido em todas as línguas. Ele pode ter suas falhas, mas é um homem de uma obra admirável.*

*LJ - O Moreira Campos já deveria ter ganhado Prêmio Nobel?*

*MC - Não. Eu não tenho essa pretensão. Um premiozinho no Ceará já me alegra.*

*LJ - O senhor se considera um mito?*

*MC - Não, de maneira nenhuma. Eu sei que tenho admiradores em minha terra. Isso não posso negar. Tenho admiradores que me respeitam, respeitam a minha literatura e muito me alegram.*

Você não queira saber o quanto me faz feliz por ter lido minha obra, e ele também (apontando agradecido a dois dos alunos que citaram vários de seus contos durante a entrevista).

*LJ - E as Memórias, quando é que sai o livro de memórias?*

*MC - Ah, sai não. Não tenho um projeto de memórias, não. O que tinha de escrever, já escrevi nos meus contos.*



# DOMÍNIO COMUNICAÇÃO

- \* Coordenação de campanhas publicitárias e políticas.
- \* Prestação de serviços de propaganda, publicidade e marketing.
- \* Preparação de anúncios gravados, musicados e filmados.
- \* Serviços de filmagens sociais, culturais, comerciais, industriais.
- \* Serviços de divulgação, promoção e produção para jornal, rádio e televisão.

Marcos Lemos  
Diretor de Produção

George Lemos  
Diretor Comercial

**DOMÍNIO PUBLICIDADE & PROMOÇÕES LTDA**

Rua Beni Carvalho, 205 - ALDEOTA - Tel: (085) 261.2993 - CEP 60135-400  
FORTALEZA - CEARÁ - CGC (MF) 41.415.506/0001-49 - INSC. ISS 106.809-1